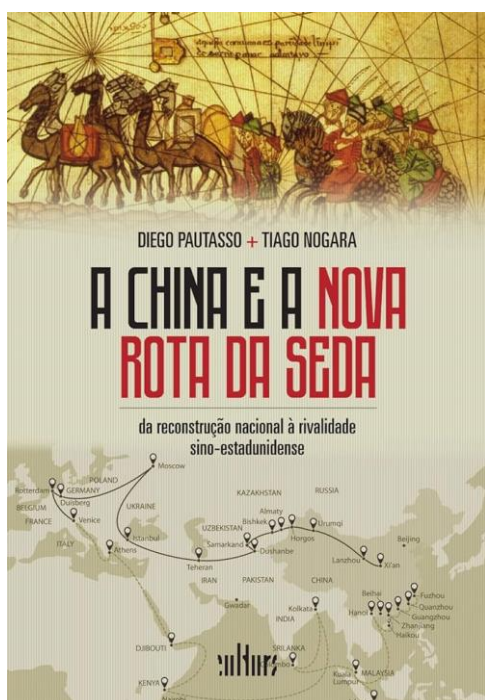


**UMA GLOBALIZAÇÃO COM CARACTERÍSTICAS CHINESAS**

PAUTASSO, D.; NOGARA, T. **A China e a nova rota da seda**: da reconstrução nacional à rivalidade sino-estadunidense. São Paulo: Editora de Cultura, 2024.

**Fernando dos Santos Sampaio**  
 Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Francisco Beltrão (UNIOESTE)  
[fssampa@gmail.com](mailto:fssampa@gmail.com)



No ano de 1994 estava em alta na academia e na imprensa em geral o tema da globalização. Muitas obras destacavam-se falando sobre o tema, algumas mais críticas, outras apologéticas. Era inegável uma série de mudanças no mundo por conta do final da URSS e, conseqüentemente, da Guerra Fria. A evolução tecnológica nas telecomunicações permitia uma integração mundial mais rápida e a popularização da internet havia conectado a “aldeia global”.

No Brasil, iniciava-se o Plano Real, com o fim das altas taxas de inflação e uma abertura econômica que, ao mesmo tempo em que

colocava produtos estrangeiros baratos nas lojas ia destruindo a indústria nacional em vários setores. A indústria automobilística teve capacidade de pressionar o governo contra a abertura, protegendo o seu mercado. A indústria de brinquedos não teve a mesma força. Tornou-se comum as lojas de “R\$1,99” e os “camelôs” venderem os produtos chineses baratos e de baixa qualidade, marcas alternativas ou falsificações grosseiras.

Nos livros didáticos de Geografia a China aparecia na parte que tratava dos países subdesenvolvidos, juntamente com outros países asiáticos, africanos e latino-americanos, sempre de forma secundária, afinal, além de ter a maior população mundial e a terceira maior extensão territorial, era apenas mais um país pobre. Com o fim da Guerra Fria nem mais fazia sentido incluí-la no “Bloco Socialista”.



No entanto, já chamava a atenção o crescimento econômico chinês, cujo PIB crescia há mais de dez anos a taxas superiores a 10% ao ano. Fruto da abertura econômica levada a cabo por Deng Xiaping e com um importante papel das Zonas Econômicas Especiais, para os mais atentos, olhar para a China era imprescindível para entender as movimentações do mundo. Alguns tinham a crença, ou o desejo, que tal crescimento fosse algo momentâneo e que logo se esgotaria.

Trinta anos se passaram, o crescimento chinês se manteve a taxas muito superiores à média mundial, tornando-se, em 2009, a segunda maior economia mundial. Mesmo assim, todo ano alguém prevê que esse crescimento chegou ao seu esgotamento. O debate na academia e na mídia brasileira, em geral, ainda é muito contaminado pela ótica da Guerra Fria ou por um eurocentrismo que se apega a questões secundárias para entender o gigante asiático. Recentemente, muitos bons estudos acadêmicos vêm sendo feitos para entender o desenvolvimento chinês, alguns profundos e muito bem embasados, mas para um público acadêmico e acostumado com a linguagem densa, enormes citações e normatizações afastavam o leitor comum.

O livro de Pautasso e Nogara consegue unir a profundidade de um estudo sério e muito bem fundamentado com uma linguagem simples que atrai o leitor e permite um fácil entendimento para os não iniciados no assunto. Assim consegue ser um livro muito útil para quem quer ter uma visão geral sobre o assunto ao mesmo tempo que ajuda a aprofundar a temática para os que já estão habituados com o tema.

A boa escrita e a seriedade com que são tratadas as questões é fruto domínio que os autores têm com o tema. Diego Pautasso é graduado em Geografia com mestrado e doutorado em Ciência Política, e Pós-doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais, toda formação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Há mais de vinte anos tem se dedicado aos estudos sobre China e publicado dezenas de artigos. Tiago Nogara é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, tendo também ampla produção bibliográfica sobre China.

O livro se divide em três partes que se complementam, mas que podem ser lidas fora de ordem, sem prejuízo da compreensão. A primeira parte é dedicada a mostrar um histórico da reconstrução nacional chinesa, demonstrando como, a partir da



Revolução de 1949, o governo chinês tem enfrentado questões difíceis oriundas da sua complexidade histórica e territorial. Na segunda parte, os autores aprofundam a discussão da Nova Rota da Seda como base de um projeto chinês de globalização, com objetivo de formatar uma nova arquitetura de arranjos políticos e econômicos globais tendo por base a sólida estratégia de desenvolvimento nacional. Por fim, na terceira parte, mostra-se a competição entre China e Estados Unidos, discorrendo sobre como os EUA vão criando situações de conflitos visando prejudicar o desenvolvimento chinês, seja do ponto de vista geoeconômico – como a guerra comercial acelerada no governo Trump – como geopolítico – o fomento ao separatismo, às revoluções coloridas e a questão do Mar do Sul da China.

A Revolução comunista de 1949 foi a resposta do povo chinês ao chamado Século de Humilhações, iniciado com a Guerra do Ópio em 1839. A busca pela reconstrução nacional e pela resolução dos problemas sociais do país - que na época era o mais pobre do mundo - passou pela combinação do aprendizado do planejamento central, que já havia sido testado pelos soviéticos, com inovações institucionais próprias dos chineses, tendo por base a experiência histórica acumulada nos seus mais de cinco mil anos de história. Houve políticas menos exitosas, como o Grande Salto Adiante e a Revolução Cultural, e outras que representaram modificações que abalaram o mundo da segunda metade importantes e representou um importante marco diplomático chinês com os países do Terceiro Mundo.

A grande virada do desenvolvimento chinês, cujas bases já haviam sido postas desde 1949, foi a abertura econômica levada adiante por Deng Xiaoping a partir de 1978. O principal desafio de Deng era superar o atraso chinês na condição de uma formação periférica e com uma correlação de forças totalmente desfavorável do ponto de vista internacional. Uma aproximação com os EUA foi a forma encontrada para minimizar “custos da Guerra Fria” e poder levar adiante uma política de modernização econômica mais intensa. A formação das Zonas Econômicas Especiais, que atraíram capitais de chineses ultramarinos, e o intenso papel desempenhado pelo Estado para criar condições favoráveis para a produção e exportação foram políticas que propiciaram uma ampla entrada de capitais permitindo, posteriormente, um intenso desenvolvimento da inovação e a inserção chinesa nos mercados mundiais.



O sucesso dessas políticas associadas à várias outras que foram sendo implementadas na China proporcionou o intenso crescimento econômico e a melhoria da condição social do país, capacitando sua economia para tornar-se a principal economia industrial do mundo e propor uma alternativa à globalização neoliberal vigente desde os anos 1990.

A Nova Rota da Seda é, segundo os autores, a mais ambiciosa iniciativa chinesa e traz em sua proposta o “Espírito de Bandung” com os cinco princípios da coexistência pacífica (Respeito mútuo da soberania e da integridade territorial; não-agressão mútua; não-ingerência nos assuntos internos; igualdade e vantagens recíprocas; e coexistência pacífica) propondo novas formulações nas relações internacionais com o intuito de ampliar as relações ganha-ganha. Seu motor está em uma espécie de “diplomacia da infraestrutura”, que já proporcionou mais de US\$ 775 bilhões em investimentos nos países que aderiram formalmente à iniciativa da Nova Rota. Assim, vão sendo construídos vários trechos de vias de transportes, portos, ferrovias para trens de alta velocidade, entre outras infraestruturas.

Com uma grande riqueza de dados e exemplos, mostram como tem sido a integração com a África, América Latina e Europa, além dos vizinhos asiáticos. Tais parcerias tem possibilitado um maior desenvolvimento de países africanos e aumentando sua de integração econômica com a China de uma forma muito diferente da experiência vivida com as potências europeias, o que levam os autores a serem enfaticamente contrários às interpretações sobre a iniciativa da Nova Rota como manifestação de um imperialismo chinês.

Na prática, o que está havendo é uma mudança nos eixos geoeconômicos mundiais e, conseqüentemente, a resposta de Washington vai se tornando presente, mobilizando várias estratégias para conter esse processo de integração global que tem a China como centralidade.

A terceira parte do livro trata, de forma muito didática, como vem ocorrendo essas rivalidades sino-estadunidenses, manifestadas desde embargos e sanções econômicas, passando pelas intervenções “humanitárias”, revoluções coloridas e mesmo os tradicionais golpes de Estado patrocinados pelos EUA, hoje com a roupagem de golpes jurídico parlamentares, como foi o caso do Paraguai.



Atualmente, a principal preocupação dos EUA está na liderança tecnológica chinesa, em especial nas tecnologias 5G e na indústria 4.0, o que acabou levando à chamada Guerra dos Chips, uma tentativa dos EUA de impedirem as indústrias chinesas de terem acesso aos semicondutores mais modernos, ameaçando de embargos os principais produtores mundiais. O uso de medidas protecionistas no mercado interno dos EUA foi outra consequência do enorme sucesso industrial chinês, mas não para apenas no protecionismo, mas também em medidas mais agressivas do ponto de vista geoeconômico e geopolítico.

A velha tática de “dividir para reinar” vai ser usada contra a China, buscando incentivar – ou mesmo criar – movimentos separatistas (Xinjiang, Tibet, Taiwan) ou revoluções coloridas (Hong Kong), além de posturas mais agressivas e provocativas no Mar do Sul da China, onde muitas bases norte-americanas já se encontram instaladas de forma provocativa.

Não há dúvidas que para entender o mundo atual é necessário estudar a China e sua inserção global. Tal inserção baseia-se na ideia de um futuro compartilhado e a Nova Rota da Seda é a proposta chinesa para a reordenação geoeconômica e geopolítica mundial, que está no cerne da criação de um mundo multipolar.

Para todos aqueles que se interessam por geografia, ciência política, relações internacionais, geoeconomia, geopolítica e, de forma geral, pelo que tem acontecido de relevante e pode ser transformador num futuro próximo, a leitura do livro de Pautasso e Nogara é uma excelente sugestão!

Recebido em novembro de 2024.

Revisão realizada em novembro de 2024.

Aceito para publicação em dezembro de 2024.